



Papai e mamãe me fizeram assim...

Entenda como a criação pode impactar a vida profissional de cada indivíduo no futuro.

Quais as consequências da educação dada a um filho? Difícil mensurar, mas, se mal estruturada, pode trazer impactos graves. O médico psiquiatra e escritor de livros sobre educação familiar Içami Tiba diz incansavelmente o termo “quem ama educa”, pois suas experiências e estudos têm mostrado que a falta de tato e de limites com a qual os pais têm criado seus filhos tem gerado grandes problemas.

Em uma de suas publicações, ele disse: “A permissividade inocente de hoje pode levar à má educação no futuro, pois todo o financiamento pode ter servido à ignorância. Geralmente, os pais se percebem que foram permissivos demais quando o filho já está trazendo problemas para eles, para os seus professores e, com certeza, para ele próprio. Não cumprir com suas pequenas obrigações escolares, faltar às aulas, ser reprovado, experimentar drogas: se isso continuar, pode evoluir para abandono escolar, analfabetismo, analfabetismo funcional, incompetência profissional, subemprego, baixa qualidade de vida e exclusão social”.

Baseados nessa citação, procuramos entender que tipo de criação pode trazer consequências graves, principalmente no âmbito profissional. De acordo com Beatriz Acampora, autora dos livros “Educar sem bater” e “Autoestima: práticas para transformar pessoas” (Wak Editora), os pais têm uma forte influência sobre os filhos, principalmente na infância, quando a base da personalidade da criança é for-

mada. O modo como eles tratam os filhos contribui diretamente para a construção da identidade e do senso de valorização individual, que se desenvolve a partir de alicerces fortes ou frágeis.

Ela explica que os pais são os primeiros a introduzir as regras sociais, e a forma como fazem isso pode ser benéfica ou prejudicial. Quando a educação é pautada em atitudes extremistas – do tipo punitiva demais ou permissiva demais –, a tendência é que ela seja prejudicial, pois a criança tende a desenvolver uma atitude defensiva ou de sobreposição de limites e infração de regras – ambas negativas.

A especialista comenta que as principais questões psicológicas da atualidade dizem respeito ao modo como as pessoas se veem, se relacionam umas com as outras e projetam na vida seus sentimentos, angústias e desejos. Beatriz diz, por exemplo, que o autoconceito positivo é uma das bases da liderança, da capacidade de comunicação e do relacionamento interpessoal, portanto, a identidade está diretamente relacionada com o modo como cada pessoa se posiciona diante da vida e do trabalho.

Ela explica que os pais podem prejudicar os filhos quando agredem física ou verbalmente, quando não ensinam seus filhos a lutar pelo que querem de forma saudável, quando não trocam afeto positivo, quando são permissivos e quando trocam o reforço pela punição como forma de efetuar aprendizagem. “Os adultos advindos de uma

trajetória de baixa autoestima, de depreciação, com dificuldades de relacionamento, dependendo do modo como utilizam seus recursos internos, podem, em diferentes níveis, tornar-se violentos, autodestrutivos, dependentes emocionalmente, isolados socialmente ou, ainda, ter dificuldades de aceitar o próprio sucesso, de planejar sua carreira, de reconhecer resultados positivos, além de apresentar extrema dificuldade em relacionamentos interpessoais. Como forma de compensação, o indivíduo com baixa autoestima pode também direcionar seus recursos a uma busca incessante por sucesso, não medindo esforços nem se intimidando por barreiras para provar para si mesmo e para os outros que é capaz de realizações, embora ele mesmo tenha dificuldades de reconhecer isso”, comenta.

Segundo Júlio Furtado, doutor em Ciências da Educação, o quanto uma criança é estimulada a interagir em grupo, respeitar regras e colocar o objetivo coletivo acima dos objetivos pessoais vai influenciar positiva ou negativamente suas atitudes no trabalho. Outra atitude que pode influenciar o futuro comportamento profissional é o valor dado ao esforço e à conquista. “Se uma criança aprende que deve ser premiada pelo seu esforço, irá esperar isso de seu chefe e da empresa em que trabalhar. Essa atitude é complicada em um mundo onde o que importa são os resultados. Esforços devem ser reconhecidos pelos pais, mas o foco no resultado não pode ser perdido: ‘Muito bem, filho! Percebo que você continua tentando. Veja o que você precisa fazer diferente pra realmente acertar’”, exemplifica ele.

Falta de limites

O problema de permissividade citado por Içami Tiba no início da matéria é atual em muitas famílias. Segundo Beatriz, as crianças que crescem em um ambiente permissivo tendem a ter dificuldades de seguir regras e normas, respeitar os direitos dos outros e cumprir metas pessoais. Pais que têm dificuldades na aplicação de limites realistas promovem na criança um sentimento de merecimento, grandiosidade, falta de autocontrole e de autodisciplina. Nesse caso, ela afirma que o futuro adulto terá como forte característica o egoísmo, que geralmente mascara um autoconceito fragilizado e uma imagem deturpada de si mesmo.

“Quando os limites do ego não são bem definidos, em função de baixa introjeção das regras, a tendência é que o indivíduo tenha muita dificuldade com deferência, ou seja, a capacidade de lidar com os limites com superiores imediatos/gestores. Isso prejudica muito o trabalho, pois a pessoa pode ser invasiva ou ter muitas dificuldades de cumprir regras”, comenta.



O autor Içami Tiba: “A permissividade inocente de hoje pode levar à má educação no futuro”.



Beatriz Acampora, autora dos livros “Eduque sem bater” e “Autoestima: práticas para transformar pessoas”: chamando atenção para a enorme responsabilidade dos pais.

Uma outra questão na criação dos filhos é a superproteção. Beatriz explica que a frustração faz parte da vida, e a superproteção a que muitos pais submetem os filhos traz um impacto negativo no desenvolvimento das habilidades sociais. Crianças superprotegidas tendem a ter a autonomia e o desempenho prejudicados, pois não conseguem desenvolver um senso de confiança. Ela diz que elas serão prováveis adultos com dificuldades de se estabelecer no mundo por si mesmos, com características fortes de dependência, sentimento de incompetência, vulnerabilidade e fracasso.

Furtado diz ainda que, em geral, se os pais não permitem que a criança, desde muito cedo, aprenda a lidar com seus sentimentos e frustrações, isso pode impedir o desenvolvimento de um adulto per-

sistente e resiliente. Ele explica que, na medida em que os pais não permitem que as crianças passem por situações difíceis, superprotegendo-as de todas as formas, elas crescerão achando que nada de mal pode acontecer e desenvolverão certa imprudência com relação à vida. “Quando uma criança cai, por exemplo, é muito mais educativo pedir que ela levante e vá até a mãe ou pai, do que sair correndo ao seu encontro e tomá-la nos braços. Na vida ela vai cair diversas vezes e deverá saber levantar-se e seguir em frente”, comenta ele.

A busca por atenção

As crianças querem ser aceitas pelos seus pais. Mas quando estes estabelecem uma relação de amor condicional, isto é, a criança apenas recebe afeto e atenção mediante determinado comportamento, isso promove nela uma necessidade de ganhar aprovação. Beatriz explica que, se os pais ressaltam que gostam do filho apenas quando ele se comporta desta ou daquela forma, a criança tende a suprimir o comportamento indesejado e passa a querer agradar aos pais. Dependendo do nível de exigência em que isso acontece, a criança tende a generalizar e pode se tornar um adulto que acredita que deve atender às necessidades dos outros suprimindo as suas próprias, buscando sempre aprovação e reconhecimento e se relacionando de forma subjugada.

Além disso, muitos pais têm trocado o estresse e a falta de tempo com os filhos por tablets, celulares e smartphones, e principalmente pelos videogames. Esse uso excessivo desses jogos virtuais, segundo Furtado, contribuiu para que essa nova geração absorvesse a realidade virtual como real. Quer manipular tudo, não se sente culpada quando erra (nos games sempre há uma “vida” extra e se pode recomeçar a jogada) e tudo precisa acontecer num ritmo frenético. E mais, um objeto de formação das funções cerebrais freneticamente dinâmico (em vez de um carrinho ou uma boneca, pro-

Júlio Furtado, doutor em Ciências da Educação: “Se uma criança aprende que deve ser premiada pelo seu esforço, irá esperar isso de seu chefe e da empresa em que trabalhar”.



gramas de TV, games etc.), parece influenciar o comportamento inquieto, ansioso e impaciente. Essa pode ser uma das explicações para a ansiedade das novas gerações e também pelas promoções ou mudanças de empresa.

Para evitar esses problemas, o especialista aconselha que os pais desenvolvam valores morais, como ter cuidado e respeitar os outros; valorizar mais o esforço do que o resultado; ajudar a criança a descobrir em que pontos ela tem que melhorar; dedicar-se a brincar com seu filho, se inteirar verdadeiramente com ele, o que exige atenção integral à criança; adiar os presentes tecnológicos para depois dos 3 anos de idade e limitar o tempo de TV a, no máximo, uma hora por dia; e, por fim, incentivar jogos e brincadeiras em grupo, de forma que aprendam a respeitar regras e a lidar com ganhos e perdas. ■

Alguns aspectos importantes na criação dos filhos para a vida e o trabalho:

- Comunicação assertiva e qualificada – falar de forma positiva, reforçando aquilo que está correto e explicando claramente o que está errado e quais as consequências de um determinado comportamento.

- Elogiar na medida certa – elogios excessivos e por qualquer motivo perdem o valor e fazem a criança ficar desmotivada. O elogio deve ser uma ferramenta estratégica, que prova para a criança que ela é capaz, que ela é amada e que tem o suporte da família em todos os momentos.

- Evitar punições e adotar o reforço positivo, sempre buscando compreender a intenção positiva por trás da atitude da criança, ensinando que há muitas formas de se conseguir o que se deseja, mas algumas são erradas, porque prejudicam os outros ou não são aceitas socialmente.

- Ajudar a criança a desenvolver um autoconceito positivo e a respeitar os outros, colocando-se no lugar deles. Pode-se perguntar para a criança: “E se fosse com você? Como seria?”. A empatia e a alteridade for-

mam a base do relacionamento interpessoal. Se uma pessoa se respeita e sabe quais as suas dificuldades, ela passa a respeitar o outro, porque sabe que ele também pode enfrentar dificuldades.

- Os pais precisam gerenciar as próprias emoções – quando sentirem que estão com raiva ou desconfortáveis com uma situação, o adequado é primeiro se acalmar, para poder escolher a melhor estratégia para lidar com a situação no momento, comparilhando ideias e responsabilidades.